

TRADUÇÃO

Dante Gabriel Rossetti e Elisabeth Siddall

Marcel Proust

Carla Milani Damião
E-mail: cmdamiao@uesc.br

Dante Gabriel Rossetti e Elisabeth Siddall

Marcel Proust

Sob este título, foi publicado um estudo, recentemente, na *Burlington Magazine* (número de Maio), que, por seu interesse especial, merece mais do que uma breve menção em nossa *Revue des Revues*¹.

Tendo reproduzido cinco desenhos inéditos de Rossetti², que se encontravam em posse do Sr. Harold Hartley, a *Burlington Magazine* pediu ao irmão do famoso artista, Sr. W-M Rossetti³, que lhes acrescentasse um comentário. Ele “aproveitou esta ocasião”, nos disse, “para apresentar uma curta monografia sobre uma mulher que representou um grande papel na vida de seu irmão”, que esteve intimamente envolvida com o movimento Pré-Rafaelita⁴ e que, aliás, por si mesma, merecia ser honrada pela qualidade rara de uma sensibilidade que desenvolveu, dia a dia, o amor e a dor.

Elisabeth Siddall era filha de um couteleiro de Sheffield. Ela nasceu em 1834, Rossetti em 1828. Era, portanto, seis anos mais nova que ele. Sua família se mudou para Londres, onde se estabeleceu no comércio. Ela recebeu, naturalmente, uma educação das mais simples, tornando-se, em seguida, aprendiz de uma modista. Foi dito mais tarde que sua doença real era uma espécie de esgotamento do corpo por uma mente muito ativa, algo parecido com o que o Sr. Boutroux⁵ chamou de “o corpo cedendo sob o peso do espírito”. Na verdade, ela já tinha os germes dessa doença de consumpção⁶, uma doença que tornaria os anos de seu amor tão dolorosos e seus anos de morte tão longos.

Durante todo esse tempo, ela era uma jovem radiante, com olhos azuis esverdeados, sem nenhuma cultura; tinha lido apenas Tennyson⁷, a quem havia descoberto, por acaso, num poema impresso num papel de embrulho de manteiga que trazia para casa. Mesmo que mais tarde ela tenha se tornado, sob a influência de Rossetti, a mais

inconvenção das mulheres, ela permanecia, então, extremamente “distante”, alguém cujo ar de reserva de uma extrema nobreza, afastava todos aqueles que poderiam ter sido tentados a aproximar-se dela. “Ela poderia ter nascido uma condessa”, disse mais tarde o pai de Ruskin⁸, quando a viu pela primeira vez. Ela falava pouco, de uma forma intermitente, com traços divertidos, jamais falava sobre religião, embora seus poemas sugerissem que ela possuísse, no entanto, uma vida interior marcada por uma elevada religiosidade.

Foi em 1848 que Hunt⁹, Millais¹⁰ e Rossetti fundaram a Associação dos Irmãos Raphaelites, PRB (*Pre-raphaelite Brotherhood*), cuja história foi contada, com muito charme e alguma severidade pelo Senhor de la Sizeranne¹¹ em *A pintura inglesa contemporânea*. Um dos princípios da nova escola era de que se um pintor pretendesse abordar um tema ideal ou poético, não deveria utilizar de modelos habituais de *ateliers*, mas deveria procurar encontrar, na vida real, pessoas que, por seu refinamento de caráter e aparência, pudessem parecer ter afinidades de natureza com a personagem ideal que deveria ser representada.

Walter Howell Deverell¹², um jovem pintor de futuro, não afiliado à Associação dos PRB, mas intimamente relacionado a eles, sobretudo com Rossetti, após ter acompanhado sua mãe a uma modista e tendo percebido, pela porta aberta que dava para um quarto do fundo, uma jovem que costurava, sentiu que havia encontrado o modelo ideal que ele precisava para Viola¹³ (ele pintava, nesse momento, um quadro baseado em Shakespeare). Não preciso dizer que esta jovem era Elisabeth Siddall. Deverell conseguiu obter a permissão de sua mãe para que ela posasse para ele, e então ela posou como Viola para seu grande quadro e também para um estudo enviado ao jornal *Le Germe*¹⁴.

Para o quadro a óleo, Rossetti posou ao lado dela. Eles começaram a se relacionar em seguida e Rossetti pediu a ela que posasse para sua pequena aquarela *Rossovestita* (1850). Rossetti sentia que ela não correspondia apenas à Viola ideal de Deverell,

mas que poderia ser também sua verdadeira Beatriz¹⁵ e realizar muitos outros sonhos de sua imaginação poética. Foi neste momento que ela começou a posar para ele e não cessaria mais de fazê-lo. Ao mesmo tempo, ela posou também para Hunt, especialmente para seu grande quadro *Os Missionários cristãos perseguidos pelos druidas* (1850), e para *Ofélia*¹⁶, de Millais (1852). Não podemos infelizmente seguir a descrição fortemente detalhada que o Sr. W-M. Rossetti nos apresentou da vida que se iniciou então naquele *atelier*, onde Elizabeth Siddall, por muitas vezes, posava, e muito desenhava, por sua conta¹⁷. O espaço nos falta para traduzir os testemunhos que Swinburne¹⁸ deixou sobre a infinita nobreza e pureza do caráter de Elizabeth.

Uma parte do estudo realizado pelo Sr. Rossetti [irmão], que nos pareceu muito interessante, mas sobre o qual devemos silenciar, é aquela da relação nobre e charmosa dos dois noivos com Ruskin. Sabemos que Ruskin, defensor aclamado da *PRB* diante da opinião pública inglesa, havia pago uma soma muito elevada para um jovem e obscuro pintor novato, adquirindo, com antecedência, de Rossetti, “qualquer coisa que ele fizesse”.

Somente os grandes artistas são capazes de ser vistos como “amadores” tão inteligentes e, sobretudo, tão generosos, e Ruskin dava uma prova decisiva e encantadora disso. É claro que o mais forte desejo de Rossetti era que seu protetor, seu mestre, seu amigo, e prodigioso teórico da Escola Nova, fosse apresentado a Elizabeth Siddall. E como ele a sentia tão genialmente dotada, foi com uma emoção confiante que ele mostrou a Ruskin os desenhos de sua amiga.

Ruskin não se mostrou menos satisfeito com os desenhos do que com a própria jovem mulher. Ele concluiu com ela o mesmo “acordo” que fez com Rossetti, se pudéssemos dar esta palavra a um ato ditado apenas pela admiração do espírito e da generosidade de coração. Mais tarde, quando Rossetti e ela viveram mais distantes dele, Ruskin usava palavras deliciosas para pedir

que Lizzie “passasse um vestido” e que ambos viessem vê-lo. Porque ele tinha mais confiança na fidelidade de Lizzie do que na de Dante Gabriel, devido ao profundo beijo que ela lhe deu no dia de seu casamento (a carta a que me refiro é, de fato, posterior ao casamento dos dois artistas).

O Sr. Rossetti contou muitos episódios interessantes da vida artística de Elizabeth Siddall antes do casamento, suas relações com o casal Tennyson, etc. Quanto ao casamento, indefinidamente adiado, foi o precário estado de saúde de Elizabeth Siddall, para não dizer já desesperançado, que decidiu a celebração. Então, a vida de agonia, que era sua desde vários anos, recomeçou. Rossetti sofria o martírio pensando na doença que paralisava seu gênio, ao passo que para muitas outras pessoas uma boa saúde não tem nenhuma nobre serventia. E também, a doçura infinita, a sublime resignação da mártir inspirada, tornava mais atroz o espetáculo de sua agonia. Não há dúvida de que Rossetti tenha sofrido cruelmente. Ainda assim nos é permitido constatar que o tom de algumas de suas cartas da época, por tão doloroso que fosse, é, no entanto, peculiar? Finalmente, chegou o dia da libertação, da libertação induzida pela natureza, e não voluntariamente acelerada, como se dizia, por uma garrafa de láudano¹⁹ que, de acordo com a lenda, teria sido encontrada ao lado do leito de Elizabeth.

Quanto ao drama interior que se seguiu, drama que simboliza para sempre, da maneira mais clara, a preeminência (talvez num certo sentido - demasiado obscuro para explicá-lo aqui - justificável) do amor-próprio sobre o amor em um *homme de lettres*, ele é conhecido, e o Sr. Rossetti nem pensa em escondê-lo. No máximo, poderíamos dizer que ele não busca suficientemente desculpá-lo ou justificá-lo. Rossetti, no excesso de sua dor pela morte de Elizabeth, acreditava mesmo que sua vida estava acabada, enterrou com ela, em uma caixinha, todos os seus poemas, cuja publicação acabava de ser anunciada. Mais tarde, o esquecimento do amor humano veio, ou, ao menos, o

alívio de sua dor. E, sobretudo, o desejo por um amor imortal recobrou sua força. Seria pouco inteligente falar apenas em desejo de glória. Contudo, foi após sete anos, preenchidos com dolorosas batalhas, cuja saída, qualquer coisa que dela se possa pensar, foi despojada de nobreza, ainda que, em certo sentido, não sem grandeza, que Rossetti fez reabrir o túmulo, desenterrar a caixinha e retomou seus poemas.

E, no entanto, Elizabeth tinha sido amada pelo homem e pelo artista, o que significa ser amada duas vezes, pois os pintores possuem uma sensibilidade pela criatura que realiza subitamente à frente deles, em uma matéria sensível e vivida, um sonho durante muito tempo acariciado, envolvendo-a em olhares cheios de ideias, mais intuitivos, e, a bem dizer, mais plenos de amor do que muitos outros homens poderiam fazê-lo.

“Eu penso que Elizabeth deve estar muito feliz”, escrevia Ruskin à Rossetti, “de ver que jamais vós a desenhastes tão maravilhosamente, com tanta perfeição e ternura do que agora, segundo ela. Parece que vós estais curado mesmo de vossos piores defeitos quando trabalhas segundo seus preceitos, segundo ela” – “Eu penso que Elizabeth deve estar bem feliz”. *quand vous dessinez d’après elle*: literalmente: quando desenha segundo ela: isto é, não perto dela, mas segundo o espírito dela, o estilo dela, os preceitos dela.

Ruskin utiliza aqui as mesmas palavras que empregava uma pessoa a quem eu atribuía a mais fina percepção de sentimentos do amor, quando ela me dizia que Mme Michelet (então Mlle Mialeret) provou sua maior alegria no dia em que, na conclusão da mais bela lição de Michelet²⁰, no Collège de France, ela reconheceu, aqui aplicada às diversas nações da Europa, mas que tinha permanecido intacta em sua forma, a frase por meio da qual ela iniciou sua primeira carta de amor a ele... E nós também gostamos de pensar que, da mesma maneira, Elisabeth Siddall, para quem a vida deveria ser inexorável, tão dolorosa e tão breve, foi, ao menos, em relação a isso, “muito feliz”.

Notas da tradutora

- ¹ Esse artigo foi publicado em *La chronique des arts et de la curiosité*, VIII, nº34 (7 novembro de 1903), p. 285-286 e novamente, na mesma revista e volume, nº 35 (14 de novembro de 1903), p. 295-296.
- ² Rossetti: Dante Gabriel Rossetti (12.05.1828-10.04.1882), cujo nome originalmente era Gabriel Charles Dante Rossetti, foi um poeta e pintor inglês de origem italiana. A inversão dos nomes, associado claramente ao poeta Dante Aligheri, é não só uma homenagem, mas mostra o interesse do pintor por Dante e pelo período medieval. Filho de Gabriel Rossetti, italiano, exilado político e estudioso de Dante, e de Frances Polidori, italiana. A fixação por Dante é patente em sua família. Sua irmã mais velha também publicou um estudo sobre Dante, seu irmão William foi historiador e tradutor de Dante Aligheri para o inglês, e a irmã mais nova, Cristina, foi uma poeta da mesma importância de seu irmão, que também escreveu sobre Dante.
- ³ W-M Rossetti: William Michael Rossetti (25.09.1829 - 05.02.1919), citado na nota anterior, é irmão de Dante Gabriel Rossetti. Além de historiador e tradutor de Dante Aligheri, organizou os arquivos da Irmandade Pré-Rafaelita, publicou as poesias do irmão e foi editor do jornal *The Germ* do mesmo movimento artístico.
- ⁴ Fraternidade ou Irmandade Pré-Rafaelita (*Pre-raphaelite Brotherhood*): grupo de artistas fundado em 1848, na Inglaterra, por Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Everett Millais. Poetas e pintores, todos haviam estudado nas academias mais importantes da Inglaterra. Rossetti havia estudado no King's College de Londres, de 1836 a 1841, passando por uma escola de desenho, e concluindo seus estudos na escola de antiguidades da Royal Academy britânica, em 1845. O contato de Rossetti com a pintura e poesia de William Blake, do século XVIII, estimulou sua crítica ao academicismo e à pintura trivial de sua época. A crítica à arte acadêmica dizia respeito à cópia que os ingleses faziam dos artistas do Renascimento, principalmente de Rafael. A reação do grupo que, justamente, se auto-intitula "pré" Rafaelita, antes de Rafael, dedicava-se a recuperar a arte medieval anterior ao início do Renascimento, nos moldes de uma confraria medieval. O modelo desse movimento foi um grupo de pintores que criou, em Viena, em 1809, a Irmandade São Lucas, conhecido também como *Os nazarenos*, transferindo-se mais tarde para Roma. Eles usavam pinturas medievais italianas e alemãs como inspiração para as suas obras, tentando um regresso à pureza de estilo da arte anterior ao Renascimento. O estilo da escola inglesa não era unificado. A divergência maior ocorria em relação ao tema dos quadros. A divisão que se pode observar diz respeito aos temas sociais e realistas, por exemplo, nas pinturas de Millais e Hunt, e aos temas medievais inspirados em Dante Aligheri, lendas do Rei Arthur, com uma dose forte de misticismos, nas pinturas de Rossetti e Edward Burne-Jones. No geral, a representação buscava negar os padrões acadêmicos, as leis rígidas impostas à pintura, e afirmar a arte como transmissora de uma idéia autêntica. Para alguns críticos, a recusa aos padrões acadêmicos contribuiu para a modernização da arte.
- ⁵ Étienne Émile Marie Boutroux (28.07.1845 – 22.11.1921) foi um filósofo francês importante para o desenvolvimento da história da filosofia, oponente do materialismo científico, e que defendia a compatibilidade entre ciência e religião.
- ⁶ Consumo é a tradução para a palavra em francês *consumption*, que, segundo o dicionário Le Petit Robert, corresponde à doença da tuberculose (*Tuberculose pulmonaire*). *Mourir de consumption* é morrer de tuberculose. Supõe-se ser essa a doença que acometia Elisabeth Siddall, mas não se sabe ao certo. Ela perdeu também uma criança após o parto e havia perdido outra, sem dar à luz, um pouco antes de falecer.
- ⁷ Tennyson: Alfred Tennyson (05.08.1809-06.10.1892) ou, posteriormente, Alfred, Lord

Tennyson, foi o poeta inglês mais conhecido na época Vitoriana. Os pintores Pré-Rafaelitas procuraram inspiração em seus poemas, em particular, no poema intitulado *The Lady of Shalott*, que tem por base a lenda do Rei Arthur, supostamente de origem medieval. Várias versões pictóricas foram feitas dessa alegoria, sendo a de John William Waterhouse, de 1888, a mais conhecida. Nessa alegoria, a Senhora de Shalott, representada, na pintura, por Elizabeth Siddall também vive sozinha em uma torre na ilha que se chama Shalott. Sobre ela paira uma maldição: ela não pode olhar diretamente para Camelot, onde ficaria o castelo e a corte do Rei Arthur ou algo de mal lhe aconteceria. Pela proibição, ela deve enxergar tudo através de um espelho, sombras e reflexos. Ela cumpre sua sina até que, um dia, viu diretamente o cavaleiro da corte do Rei Arthur, Lancelot, próximo de sua torre. Ao olhar para ele, seu espelho se quebrou e a maldição teve início. Ela deixa a torre, vestida de branco e desce o rio guiando um barco. Na pintura de Waterhouse há três velas que simbolizam as vidas que lhe restavam; duas já estão apagadas. Ela canta uma canção triste e morre aos poucos.

- ⁸ Ruskin : John Ruskin (08.02.1819 – 20.01.1900) foi crítico e teórico de arte, poeta e desenhista. Proust o tem por um dos “diretores de consciência” da Europa, ao lado de Nietzsche, Tolstoi e Ibsen. Teórico do esteticismo britânico, promotor dos Pré-Rafaelitas e de Turner, entre suas obras mais importantes destacam-se: *The Seven Lamps of Architecture* (1849), *The Two Paths* (1859), *Munera Pulveris* (1862-1863), *Sesame and Lilies* (1865 – traduzida por Proust para o francês), *The Crown of Wild Olive* (1866), *The Queen of the Air* (1869), *Aratra Pentelici* (1872), *Ariadne Florentina* (1873), *Deucalion* (1875-1883), *Mornings in Florence* (1873-1877), *Proserpine* (1873-1886), *The Laws of Fésole* (1877-1878), *St Mark’s Rest* (1878-1884), *The Three Pillars of Pre-Raphaelitism* (1878), *Modern Painters* (1843), *The Stones of Venice* (1851) e *La Bible d’Amiens* (1885 – traduzida em 1904 por Proust).
- ⁹ Hunt: William Holman Hunt (02.04.1827 – 07.09.1910), pintor inglês, fundador da Fraternidade Pré-Rafaelita juntamente com Dante Gabriel Rossetti e John Everett Millais.
- ¹⁰ Millais: John Everett Millais (08.06.1829 -13.08.1896), pintor inglês. Fundou, juntamente com Dante Gabriel Rossetti e William Holman Hunt, a Fraternidade Pré-Rafaelita.
- ¹¹ Robert de la Sizeranne: crítico francês de arte que escreveu a respeito da Renascença e da pintura inglesa contemporânea. Entre seus livros mais conhecidos se encontram: *Lês Matins à Florence: simples études d’art chétrin; Lês masques et lês visages; Lês questions Esthetiques contemporaines; Ruskin et la Religion de la Beauté ; e La peinture anglaise contemporaine.*
- ¹² Walter Howell Deverell (1827-1854), pintor britânico, próximo aos Pré-Rafaelitas.
- ¹³ Viola: personagem da comédia de Shakespeare intitulada *Noite de Reis* (título original em inglês: *Twelfth Night, Or What You Will*). Viola aparece vestida como um jovem rapaz, para, em seguida, viver a dificuldade de ter se apaixonado pela pessoa que a ensinava a atuar como homem.
- ¹⁴ Jornal *Le Germe*: O jornal *The Germ* foi o veículo de manifestação das ideias do movimento Pré-Rafaelita.
- ¹⁵ Beatriz ou Béatrice: Nome emblemático da amada de Dante Aligheri que se constituiu como justificativa para a vida do poeta, suas paixões políticas e marca toda a poesia lírica italiana com o tema do amor.
- ¹⁶ Ofélia (em inglês *Ophelia*): Personagem de Shakespeare em *Hamlet*, descrita por intérpretes como aquela que, ao se apaixonar por Hamlet, passa a viver só sob a necessidade de sua aprovação e vive os conflitos entre ele e seu pai. Ela enlouquece com a morte do pai, Polonius, assassinado por Hamlet e sofreu com o desprezo de Hamlet. Ela morreu jovem e sofrida, ao afogar-se. Shakespeare não diz que ela se suicidou e a

cena não é representada no palco. Sabemos indiretamente de seu afogamento em um diálogo entre a rainha Gertrude e Laerte, irmão de Ofélia. Ela conta que Ofélia caiu no rio enquanto colhia flores e cantava, afogando-se. Personagem secundária que se tornou “protagonista” em várias pinturas e inúmeras referências à certos aspectos da representação que se faz da mulher.

- ¹⁷ Desenhos e poesias de Elisabeth Siddall: Elisabeth fez vários desenhos e poucas pinturas, entre as quais, um *self-portrait* que em nada se parece com sua figura pintada pelos Pré-Rafaelitas. Ruskin pagava pelos esboços que ela produzia. Estes repetiam os temas medievais e a lenda de Rei Arthur, o que a filiava mais uma vez aos Pré-rafaelitas, desta vez, como artista. Ela escreveu também poesias. Com base nos títulos de algumas, podemos supor o tema romântico da impossibilidade do amor verdadeiro, da angústia e da morte: *True Love; Love and Hate; The passing of love; Dead Love; Early Death; Lord may I come*. Alguns críticos consideram essas poesias no estilo simples das baladas antigas e seus desenhos longe de ser equiparados à maestria detalhista dos pintores do movimento.
- ¹⁸ Algernon Charles Swinburne (05.04.1837 – 10.04.1909): poeta inglês ligado ao movimento Pré-Rafaelita, amigo de Dante Gabriel Rossetti e de personalidade controversa. É tido como alcoólatra e masoquista, foi acometido de um colapso físico e mental quando tinha 42 anos. Como os Pré-Rafaelitas, tinha fascinação pela Idade Média. Segundo Georgiana Burne-Jones, casada com Edward Burne-Jones, afirma em testemunho escrito deixado (“Reflection on the death of ‘Lizzie’”, In: *Memorials of Edward Burne-Jones by Georgiana Burne-Jones*. London, Macmillan & Co. Limited 1904), Swinburne havia jantado com o casal na noite em que Elisabeth faleceu.
- ¹⁹ Segundo Danilo Freire Duarte, “o termo láudano é usado na literatura médica do século XVII como designativo de um medicamento de eficácia comprovada, e muitos médicos famosos tinham um láudano com o seu nome. Há dúvidas se o láudano de Paracelso continha ópio. Já o láudano de Sydenham foi a principal preparação líquida contendo ópio, usada na Inglaterra no século XVII, e teve grande aceitação na Europa e nas Américas até o início do século XX. (...) O láudano de Sydenham continha ópio, vinho de cereja, açafraão, cravo e canela. Ainda no século XVII surgiram outras preparações das quais pode-se destacar o Pó de Dover que consistia em uma mistura de ópio, sal, tártaro, alcaçuz e ipecacuanha, e o Paregórico, de autoria de Le Mort, professor da Universidade de Leyden entre 1702 e 1718. Uma fórmula modificada, com a denominação de Elixir Paregórico, contendo ópio, mel, cânfora, anis e vinho, foi publicada na Farmacopéia de Londres em 1721. Na mesma época, uma outra preparação conhecida como Láudano de Rousseau esteve em voga na Europa Continental. Contudo, os efeitos adversos do ópio ficaram cada vez mais conhecidos, preocupando o próprio Sydenham, cujo entusiasmo pela droga era notório. “[...] O século XIX foi rico em acontecimentos no que concerne à história dos opiáceos. [...] Apesar do desconhecimento do mecanismo de ação do ópio, essa droga tornou-se um grande suporte terapêutico da era Vitoriana” (REVISTA BRASILEIRA DE ANESTESIOLOGIA, Campinas, SP, v. 55, n. 1, jan.-fev. 2005).
- ²⁰ Proust se refere à correspondência entre Jules Michelet (21.10.1798-09.02.1874), conhecido historiador e filósofo francês, republicano, e sua segunda esposa Athanaïs Mialeret (nascida em 1828), Mme. Michelet (após o casamento). A correspondência entre os dois se tornou conhecida, dada a habilidade literária do casal e as declarações amorosas iniciais.

Recebido em: 6 de setembro de 2007.

Aprovado em: 2 de outubro de 2007.